

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
À FLOR DA PELE  
1 e 8 de agosto de 2025

# THE TEXAS CHAIN SAW MASSACRE / 1974

## *Massacre no Texas*

um filme de Tobe Hooper

**Realização:** Tobe Hooper / **Argumento:** Kim Henkel e Tobe Hooper / **Fotografia:** Daniel Pearl / **Música:** Tobe Hooper e Wayne Bell / **Canções:** Roger Bartlett & Friends, Timberline Rose, Arkey Blue e Los Cyclones / **Montagem:** Sallye Richardson e Larry Carroll / **Interpretação:** Marilyn Burns (Sally), Allen Danzinger (Jerry), Paul A. Partain (Franklyn), William Vail (Kirk), Teri McMinn (Pam), Edwin Neal (homem à boleia) Jim Siedow (o pai), Guhnar Hansen (Leatherface), John Dugan (o avô), Jerry Lorenz (o camionista).

**Produção:** Bryanston Pictures / **Produtor:** Tobe Hooper / **Cópia:** 35mm, cor, legendada em castelhano e eletronicamente em português, 83 minutos / **Estreia Mundial:** Estádios Unidos, 1 de Outubro de 1974 / **Estreia em Portugal:** Cinema Politeama, a 23 de Novembro de 1978.

***Nota:** A cópia do filme apresenta riscos constantes ao longo da projecção, assim como alguma degradação cromática.*

---

**The Texas Chain Saw Massacre** não é apenas um "cult movie". (Convenhamos, aliás, que a própria categoria de "cult movie" se adapta mal à simplicidade de ser "apenas isto" ou "apenas aquilo"). No quadro daquela relativamente vasta classificação, **The Texas Chain Saw Massacre** tem a propriedade de acumular atributos: estamos perante um *horror cult movie*. Por certo poderíamos incluir outros exemplos neste ciclo mas **Massacre no Texas**, pelas suas características, apresenta-se como o caso limite que importa analisar.

Objecto de viva contestação na altura da sua exibição nos Estados Unidos e, em particular, em França, onde foi retirado de exibição por duas vezes, por ter sido considerado como "*um incitamento à violência*", **Massacre no Texas** terá certamente beneficiado dessa publicidade negativa para constituir uma mitologia coroada por um instinto assassino tão sistemático como arbitrário. Danny Peary, autor do livro *Cult Movies*, afirma que mesmo depois de sucessivamente prestigiado pela passagem em Cannes ou pelo prémio no Festival de Avoriaz de 1976, **Massacre no Texas** está longe de ter comprado a sua própria "respeitabilidade", mantendo-se como um produto bizarro, onde a gratuidade da violência só tem paralelo na multiplicação dos efeitos e signos do horror.

Recordemos que Tobe Hooper, em 1974, estava ainda longe do sucesso que obteria em 79 com a adaptação televisiva de **Salem's Lot** ou da consagração na todo poderosa indústria cinematográfica através do seu trabalho em **Poltergeist**, nos anos 80. Assim, **Massacre no Texas** deve ser integrado no seu contexto próprio, o da pequena produção, uma produção onde a ficção e o trabalho que dá "confeccioná-la"

andam de mãos dadas. Uma das impressões que se colhe, na primeira sequência em que acompanhamos os cinco ocupantes da carrinha, é a de um grande incómodo. Incómodo físico que decorre da limitação do espaço (os ângulos baixos da câmara sublinham a estreiteza), como do calor que o suor dos personagens (em especial o do paraplégico) revela, mas também uma enorme falta de conforto psíquico, arrastando-se já da sequência anterior (os flashes sobre os cadáveres, a estátua e os mortos), e que é reforçada pela obsessão de Pam pela astrologia (só se descobrindo sinais negativos) e do paraplégico pela arte de bem liquidar reses no matadouro. Ora, esta verosimilhança do incómodo físico, da falta de conforto, não nos chega através das personagens. Isto e, não chega só através das personagens, como não chega só através dos actores: a razão é simples, a ferida da personagem é a ferida do actor. Tobe Hooper para realizar o filme teve consigo actores que não se suportavam uns aos outros (caso de Marilyn Burns e Paul Partain), que o odiavam a ele (caso de Edwin Neal, que prometeu matar Hooper logo que o voltasse a encontrar), bem como os obrigou ao risco da dor e dos ferimentos físicos (Pam ao ser dependurada no gancho do talho corta-se de facto, por isso não admira que grite; é de dor; Sally na fuga à serra eléctrica acaba, de facto, a sangrar abundantemente dos dois joelhos: "*Foi terrível, mas representou muito bem*" comentou Hooper).

O pesadelo da rodagem está presente como ficção do pesadelo. E se o que é distintivo no pesadelo é a sua completa arbitrariedade, então **Massacre no Texas** é, enquanto filme, um filme-pesadelo, pelo illogicismo dos comportamentos (sublinhe-se, só há comportamentos sem que haja correspondente definição da psicologia dos seus agentes), pela permanência de um horizonte terror, pela sufocação que as imagens destilam, pelo complementar cerco dos sons (em boa verdade os sons são o arame farpado deste filme, sendo o seu lado metálico ainda mais notório com a entrada da serra mecânica).

Tenho três linhas para dizer que se a referência a **Psycho**, de Alfred Hitchcock é evidente (a casa, os cadáveres nas cadeiras de balanço), não é menos evidente a distância dos projectos: estamos a milhas de surpreender o "Mestre", estamos a milhas da sua concentração narrativa. Em Hopper vale a violência do anedótico, em Hitchcock vale a emoção do Cinema.

M.S. Fonseca

---

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico